

Vida de Carmem foi filme noir

O pesquisador americano Robert Meyers, que defende tese sobre Carmem Miranda em Yale, aponta a tragédia de sua vida e diz que o brasileiro culto tem vergonha da imagem que ela criou

Sonia Nolasco

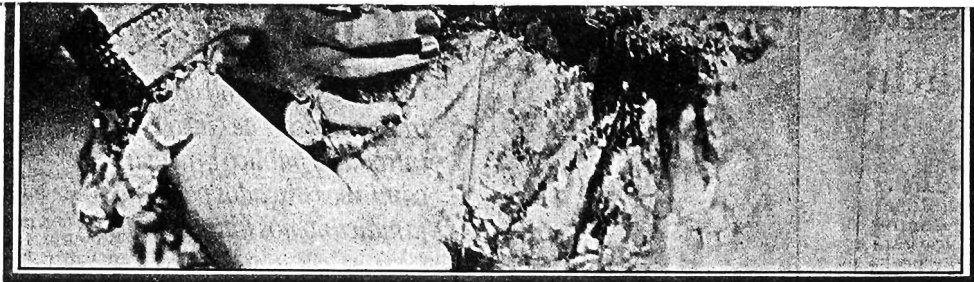
Especial para o Estado

NOVA YORK — Carmem Miranda foi educada em convento e ia ser freira, mas o pai proibiu. Uma freira de turbante, com canivete no cinto e pandeiro na mão. Por trás daquele sorriso feliz, a vida trágica. Queria casar, ter filhos, como qualquer jovem de sua classe social e educação católica rígida. Deu tudo errado. Ela era moderna e ambiciosa demais. Ainda nos anos 20, já queria uma carreira, como as mulheres de hoje. Pagou um preço alto pela fama: choques elétricos contra depressão; drogas para manter a energia nas excursões internacionais. Uma das razões da depressão profunda foi a perda do filho, na única vez que ficou grávida, aos 39 anos, e achou que era sua última chance. Católica devota, ia à missa todo domingo em Beverly Hills, onde tinha uma bela mansão. Não era feliz, como tantas estrelas: presa num casamento péssimo, achava pecado se divorciar. Ficou livre ao morrer, do coração, com 46 anos.

É surpreendente essa Carmem Miranda de quem fala Robert Meyers, 37 anos, diplomado em Latin America Literature na Universidade Yale, com doutorado quase pronto. Sua tese envolve Carmem Miranda e a cultura brasileira, pela qual ele é apaixonado desde que foi ao Brasil pela primeira vez, em 1975, convite de Lindsay Duncan, irmão de Arto. Morou no Recife um ano e meio, aprendeu português, voltou várias vezes. Mas, quando fala de Carmem, a tese flui em inglês e é fascinante. Robert esteve em julho e agosto passados no Brasil pesquisando e fazendo entrevistas. Concluiu que brasileiro de uma certa classe social ainda tem vergonha de Carmem Miranda, rejeita o gênero de música que ela interpretava. E que as contradições da personalidade de Carmem refletem a ambivalência dos brasileiros em relação a ela, uma das mulheres mais modernas do século 20: falava palavrão e exibiu diante de multidões sua sexualidade autêntica.

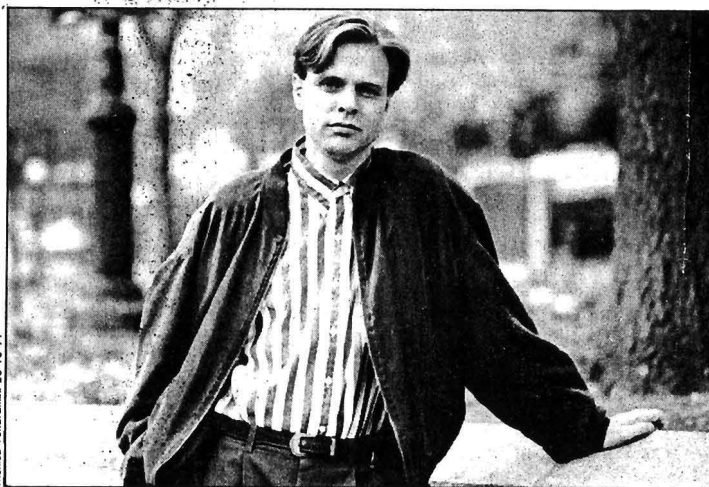


Robert tem tanto material e interesse em Carmem que pretende escrever um livro sobre ela, mas não é a história de sua vida. Também o filme que planeja sobre a vida de Carmem tem ângulo diferente, que Robert prefere manter em segredo. Suas entrevistas no Brasil ocorreram porque a revista *Vanity Fair* queria um longo artigo completo sobre Carmem Miranda. Agora Robert acha que talvez o artigo fique melhor na *Esquire*. Ele e Duncan trabalham há tempos num roteiro de filme sobre Carmem. Se o roteiro virar livro, Robert quer que seja em contexto mais amplo: análise dos contrastes culturais entre Brasil e EUA.



Caderno 2 — Tese, artigos para a imprensa, espetáculo no Next Wave Festival, roteiro de filme: você acha que existe um boom de Carmem Miranda?

Robert — Na verdade o interesse existe sempre. É curioso, pois a história dela se passa num período que coincide com film noir, enredos como *Double Indemnity*, *The Postman Always Rings Twice*. No meio disso a saga de uma "estrela" brasileira que vai para Hollywood, tem enorme sucesso, torna-se a entertainer feminina mais bem paga de sua época, em 1945-46, e oito anos depois



Robert Meyers: "Se tivesse sobrevivido, ela inventaria outro tipo de carreira"

morre de ataque cardíaco aos 46 anos de idade, depois de problemas com drogas e choques elétricos. Dá um filme noir fascinante. Na verdade não há um boom atual. Já se fala de fazer um filme, um documentário, um musical, há anos.

Caderno 2 — E quando você selecionou as idéias, o que veio à tona?

Robert — Acho que continua a vergonha de Carmem. Uma coisa de classe. O sentimento de classe é extremamente forte no Brasil. Para a intelectualidade brasileira, que fala vários idiomas, lê e viaja muito, que é espantosamente erudita, o fato de Carmem ser o único brasileiro, talvez com exceção de Pelé e João Gilberto, que ficasse conhecida fora do Brasil, era e ainda é intolerável.

Caderno 2 — Quando Carmem saiu do Brasil, já tinha uma idéia completa de como se apresentar, do que vestir, ou veio depois?

Robert — Não é realista achar que Carmem tinha tudo programado. Ela começou a usar bananas na cabeça em 1939, no último filme que fez no Brasil. Foi a primeira vez que usou roupas de baiana. Obviamente Carmem descobriu que teria de criar um tipo para apresentar às platéias americanas. Antes de estreiar na Broadway, em junho de 1939, Carmem surgiu com sua nova imagem num teatro de Boston. Vadeco, do Bando da Lua, me contou que ela voltou do palco e e disse aos músicos: "Não sei o que deu nesses gringos, aplaudindo tanto uma coisa que nem a menos entendem".

Caderno 2 — É verdade que ela mal falava inglês? Ou que tinha de fingir?

Robert — Lendas bobas espalhadas na imprensa

daqui diziam que Carmem só sabia três palavras: dinheiro, homem, hot-dog. Na verdade ela entendia que papel devia representar: a latina que não falava inglês direito. Infelizmente esse papel foi uma armadilha para Carmem e tantos outros atores latinos. Aurora insiste que Carmem dominava o inglês, mas os produtores a obrigaram a manter o sotaque forte. Carmem chegou a declarar: "Se falo inglês como gringo, perco o emprego".

Caderno 2 — Você acha que, tivesse vivido, Carmem acabaria reconhecida além da barreira do tipo-pecaço de latina?

Robert — Mas claro. Ela era uma comediantes esplêndida. Seu timing era extraordinário. Em Copacabana, com Groucho Marx, que era o melhor comediante do século 20, lá estava Carmem, contracenando com ele no mesmo nível. Em seus filmes, Carmem era sempre a melhor coisa. É totalmente possível que, se tivesse vivido, teria passado para outro tipo de carreira. Tinha grande habilidade para renovar. Já estava na TV mal o meio começou, e com Jimmy Durante, um dos maiores comediantes da época. Note que Carmem começou no rádio nos anos 20; celebrizou-se no cinema nos anos 30-40; e o próximo passo era exatamente a TV. Ela se reinventaria.

Caderno 2 — Você achou que, de modo geral, o brasileiro é interessado em Carmem?

Robert — Quase nada. Quando se fala dela, as pessoas reagem com "ih, que coisa mais brega", etc. No entanto, muita gente gosta de músicas como *Tai* sem saber que eram interpretadas por Carmem, que ela era a cantora mais popular do rádio nos anos 30. Que a

música de Carmem está no centro da cultura brasileira. Mas, em princípio, são contra porque lembram o que Carmem fez nos EUA — a elite acha que ela caricaturou o brasileiro. Como Josephine Baker em Paris, anos 20, vestiu uma saia de bananas e fez do sul-americano um macaco feio.

Caderno 2 — Você acha que o brasileiro tem vergonha de Carmem Miranda porque ela representa nossa caricatura?

Robert — Talvez as duas coisas ao mesmo tempo. Ela era muito brasileira. Exigia ser apresentada como brasileira, e não como latina. Shubert queria apresentá-la como "a bomba latina", mas Carmem recusou. Ela queria ser sempre brasileira. Note que foi a primeira estrela latina de sucesso nos EUA: não veio do Chile ou de Cuba, mas do Brasil. Carmem exigia cantar canções brasileiras nos filmes.

Caderno 2 — E por que você acha que ainda assim ela se tornou estrela?

Robert — Porque foi a primeira e manipulou a comunicação de massa. Continua a ser a única brasileira a ser sucesso internacional. Um modelo que marcou.

“Dizer que seus filmes americanos não eram tão densos quanto a arte brasileira da época é criticar o modo de funcionamento da mídia”

Duncan sabe que ela é a única figura pop capaz de captar audiências de massa, de conseguir o interesse do americano para o Brasil.

Caderno 2 — E como você viu a estrela cair numa vida trágica e se apagar?

Robert — Carmem fez apenas uns três filmes entre 1950-53. O último, *Scared Stiff*, foi horrível. Jerry Lewis ficou nervoso de contracenar com a célebre Carmem Miranda e mandou cortar as cenas que tinha com ela. Não queria ser comparado. Reduziu a aparição dela. Carmem ficou arrasada. Foi outro golpe. Já tinha tido o da rejeição no Brasil. Ela teve um colapso nervoso. Logo depois estava se apresentando a platéias lotadas no Tropicana, em Las Vegas, e em Havana. Voltou para Hollywood para fazer o show com Jimmy Durante. Estava exausta. Vinha de várias excursões internacionais. As biografias acusam Sebastian, que se tinha tornado empresário dela, de fazê-la trabalhar demais. Ria, mas tinha uma vida trágica.